

Vitória da Oposição não preocupa bancos

Brasil está suficientemente maduro, dizem banqueiros suíços

Os banqueiros estrangeiros já não estão mais preocupados com a possibilidade de vitórias eleitorais dos partidos de Oposição no Brasil, por acreditar que "o país já está suficientemente maduro para se administrar sem provocar sobressaltos", de acordo com declarações feitas ontem, em Brasília pelo representante da União de Bancos Suíços, Constant Rochat, logo após entrevistar-se com o presidente interino do Banco do Brasil, Eduardo de Castro Neiva.

"A economia brasileira apresentou resultados em 1981 melhores do que nós esperávamos" — revelou o banqueiro suíço, confirmando que esperava o equilíbrio da balança comercial em US\$ 23 bilhões e, agora já é possível falar de um superávit de US\$ 1 bilhão. Além disso, ele espera que a inflação deste ano se situe em 100%, sendo provável que por volta de outubro de 1982, o índice de custo de vida tenha caído para algo entre 85% e 90%.

SOBRESSALTO

A possibilidade de partidos que pregam o não-cumprimento das obrigações externas do país chegarem ao poder não preocupa o representante da União dos Bancos Suíços. Para ele, não há nenhum otimismo se é que se entende por esta palavra apenas a vitória do PDS nas eleições do próximo ano. "Mas achamos que o Brasil já está adulto de forma que, mesmo tendo modificações em sua estrutura política, saberá se auto-administrar sem provocar sobressaltos".

Explicando que não poderia dar opiniões sobre a política interna brasileira como representante de um banco estrangeiro sediado num país neutro como a Suíça, Rochat limitou-se a dizer que há situações que não podemos modificar, e a situação do Brasil é hoje a de apresentar a necessidade de desenvolvimento a todo custo. Quanto à conhecida declaração de um ministro brasileiro, de que a comunidade financeira nacional e internacional não aceitaria a vitória de partidos oposicionistas que pregam o não-pagamento da dívida externa do País, o representante da União de Bancos Suíços disse apenas que "este não será o caso brasileiro, porque não pagar os compromissos externos significará simplismo o total isolamento do país perante o resto do mundo".

Para reforçar seu posicionamento, o banqueiro lembrou que sua instituição tem empréstimos feitos também aos países do bloco comunista, que no entanto, cumprem fielmente com suas obrigações internacionais. Constant Rochat não entrou em detalhes se os banqueiros esperam uma derrota ou uma vitória do partido do Governo nas próximas eleições, reconhecendo apenas que o comportamento a ser aplicado à economia a partir de dezembro de 1982 vai depender fundamentalmente daqueles resultados eleitorais.

CONFIANÇA

"Meu banco vê com bastante confiança — apesar de nós, suíços, sermos bastante conservadores — o esforço que o Brasil vem fazendo para melhorar sua economia, da mesma forma que vemos com total confiança, o desenvolvimento brasileiro e acreditamos que este é um dos países que mais têm chances em todo o mundo atual" — declarou, ainda, o representante da União de Bancos Suíços.

Segundo Constant Rochat, "não há maiores receios de que qualquer modificação na estrutura política do Brasil possa resultar em problemas internacionais de confiança e credibilidade junto à comunidade financeira, porque o país está suficientemente amadurecido".

Reconheceu, ainda, que "realmente é muito difícil fazer com que a taxa de inflação desça abaixo de 85 ou 90% por volta de outubro do próximo ano, sendo mais provável que fique estabilizada em torno do resultado de 100% que se espera para 1981".

De qualquer forma, ele acredita que este é um bom resultado, num país onde a inflação já havia ultrapassado a casa dos 110/120% ao ano. "Mas é lógico que para a dona-de-casa os preços continuarão subindo toda a semana, não importa se a inflação do mês foi 4% ou 5% — acrescentou Constant Rochat, lembrando que para o consumidor não fará muita diferença uma inflação de 110% ou de 100%, mas já é uma vitória da política do Governo".

SOMBRAS

"Mas a questão brasileira não se resume a zonas de sol, havendo também sombras" — adiantou, didaticamente, o representante dos banqueiros suíços,

Stabile propõe joint-ventures

A ampliação das relações comerciais entre Brasil e Suíça e uma possível cooperação econômica, possivelmente através da formação de "join ventures", notadamente no setor agroindustrial, foram os principais pontos discutidos ontem pelo ministro Amaury Stabile, da Agricultura, e a missão suíça que se encontra no Brasil, chefiada pelo secretário de Estado para Assuntos Econômicos Exteriores, da Suíça, Paul Jolis.

Quanto à ampliação do comércio, há grande interesse do Brasil em aumentar exportações para a Suíça, já que em 80 a balança entre os dois países foi desfavorável aos brasileiros, em 134 milhões e 191 mil dólares. A Suíça tem, em contrapartida, interesse em investir em programas brasileiros na agroindústria, especialmente na área do cacau e da cana-de-açúcar, e na sua industrialização.

O ministro Thompson Flores, coordenador de Assuntos Internacionais da Agricultura, acrescenta que durante o encontro com o ministro Stabile não foram definidas as áreas onde

considerando que os resultados da balança comercial brasileira, por exemplo, "estão aquém do que esperavam as autoridades da área econômica, que previam US\$ 24 bilhões de importação e US\$ 25 bilhões de exportação este ano".

O principal problema da economia brasileira, em sua opinião, ainda é representado pelo volume da dívida externa, que pode ultrapassar os US\$ 60 bilhões este ano, de acordo com economistas brasileiros. "O peso da dívida é o que mais preocupa, especialmente lá fora, porque os juros internacionais estão baixando um pouco mas se ficarem mesmo entre 13 e 14% ao ano ainda serão muito pesados para um país como o Brasil".

A propósito, Constant Rochat demonstrou confiança em que a taxa interbancária de Londres (Libor) venha a se estabilizar em torno de 13% ao ano. "Não acreditamos que a Libor fique abaixo dos 13% ao longo do próximo ano" — declarou o representante da União de Bancos Suíços.

Como prova de que sua instituição confia no Brasil, o banqueiro, disse que mesmo à época em que os resultados positivos ainda não estavam tão visíveis como agora, em agosto deste ano, a União de Bancos Suíços promoveu em Zurique, um seminário internacional sobre as oportunidades de investimentos no país, convidando personalidades brasileiras como Ângelo Calmon de Sá (Banco Econômico), Olavo Setúbal, José Carlos Madeira Serrano (diretor da área externa do Banco Central do Brasil) e outros, "ficando claro que o país ainda é um ótimo risco para investimentos externos".

Suíça e Brasil poderão firmar acordos, tendo sido apenas examinadas algumas possibilidades.

Atualmente, o Brasil importa da Suíça basicamente peças de reposição para aparelhos elétricos e eletrônicos, além de relógios. E exportamos para os suíços castanhas, fibras, café, cacau, açúcar, entre outros produtos.

O comércio entre os dois países reflete-se nos seguintes números: em 1976, o Brasil importou da Suíça 253 milhões 701 mil dólares e exportou 60 milhões 344 mil dólares; em 1979, as importações brasileiras totalizaram 183 milhões, 036 mil dólares, contra 114 milhões 527 mil dólares exportados; em 1978, as importações brasileiras atingiram 257 milhões 131 mil dólares e as exportações 102 milhões 170 mil dólares. Em 1979, importamos 351 milhões 494 mil dólares da Suíça, e exportamos 92 milhões 521 mil de dólares. No ano passado, o total importado foi de 329 milhões mil dólares, e o exportado situou-se em 119 milhões 509 mil dólares.